



PEDRO CUNHA



Kevin O'Rourke (à esquerda) e Ronald Findlay

vulnerabilidade", explica o economista Ronald Findlay. Um dos exemplos deste fenómeno ocorreu há cem anos: "A Inglaterra, ficou muito dependente das importações de matérias-primas. E, por isso, começou a ver o poder naval alemão como uma ameaça, reforçando a sua defesa. A Alemanha respondeu na mesma moeda e de repente estava criada uma corrida ao armamento naval".

Atualmente, o petróleo é o produto com um potencial maior para criar este tipo de problemas. "Veja-se a forma como a China está a tentar entrar em África para assegurar matérias-primas e qual será a reacção do Ocidente", afirma Kevin O'Rourke.

Há ainda as tensões geradas por quem acaba por perder com todo o processo de globalização. Como explicam os autores do livro, "há cem anos, os trabalhadores não qualificados da América, que eram mais ricos do que os europeus e que estavam expostos à sua concorrência particularmente através da imigração, levaram a que se adoptassem políticas mais restritivas". Agora, o mesmo acontece, tanto na Europa como nos Estados Unidos, face à concorrência dos trabalhadores do continente asiático. "Com a globalização, há sempre quem ganha e quem perde. E se quem perder tiver poder suficiente, pode mobilizar os políticos, colocá-los contra a globalização e reverter o processo", explica O'Rourke.

Papel importante da China

Nas globalizações pré-modernas (as que aconteceram antes do século XIX, numa altura em que os custos de transporte eram ainda muito elevados), as causas para a ocorrência de recuos foram, não tanto de natureza económica, mas principalmente geopolítica. Por exemplo, Gengis Khan criou uma economia muito global em meados do século XIII, mas quando o império mongol caiu, a Ásia central tornou-se ingovernável e o comércio ficou muito difícil. Na situação actual, é difícil prever quais os factores que se revelarão mais ameaçadores para a presente globalização. "Não conseguimos dizer qual é que vai ser dominante, mas vão ser ambos importantes", diz Ronald Findlay. Uma coisa é certa, a China, seja pela vertente económica, seja pela geopolítica, irá sempre desempenhar um papel importante. "A China, ao industrializar-se, vai precisar cada vez mais de garantir o fornecimento de matérias-primas. E para isso, vai precisar de manter os excedentes comerciais ao nível dos produtos manufacturados", assinala o economista, lembrando que foi isso que aconteceu ao Japão antes da Segunda Guerra Mundial: "Os EUA impuseram tarifas à entrada de produtos japoneses, o que colocou o império nipónico em dificuldade para garantir os excedentes que usavam para assegurar a matéria prima. Foi assim que adoptaram uma política expansionista e de extrema-direita e decidiram invadir outros territórios". Findlay não antevê um cenário semelhante a ocorrer com a China nos próximos anos, mas afirma que é interessante pensar no que poderá acontecer, no espaço de décadas, quando o Ocidente, por causa da perda de empregos, decidir impedir a entrada de produtos chineses. Um cenário que, tendo em conta as posições contra o comércio chinês assumidas já por muitos políticos, tanto no Congresso norte-americano, como em governos europeus, está longe de ser irrealista. É por isso que Findlay e O'Rourke mais uma vez concluem: "Isto pode voltar tudo atrás, como era em 1940..."

E depois da globalização?

A globalização parece um fenómeno inevitável e imparável. Mas um economista e um historiador estudaram processos semelhantes nos últimos mil anos, incluindo os Descobrimentos portugueses, e chegaram à conclusão que, a seguir a uma globalização, vem inevitavelmente uma "desglobalização"

Sérgio Aníbal

Uma guerra é impossível porque as principais economias mundiais estão demasiado interdependentes para suportar um custo desses, escrevia Norman Angell no seu livro "The Great Illusion". A ideia deste jornalista inglês do início do século era a de que, pelo facto da economia estar mais globalizada do que nunca, os detentores do capital apenas teriam a perder com um conflito de grande dimensão. A teoria tinha, à primeira vista, a sua lógica. O problema é que foi escrita em 1913, ou seja, bastou apenas um ano para que fosse totalmente desmentida na prática. Em 1914, deflagrou a Primeira Guerra Mundial e, nas décadas seguintes, assistiu-se a um regresso às políticas proteccionistas e a um recuo do processo de globalização.

Será que, agora que a economia mundial está outra vez a ficar rapidamente mais globalizada, já estamos mais a salvo da ocorrência de conflitos? E que a hipótese de um recuo na interdependência entre as várias economias se tornou mais improvável? Há quem responda que sim, defendendo que a actual globalização é muito mais forte do que as anteriores e que os avanços tecnológicos aumentaram os níveis de comunicação de forma nunca vista. Mas Ronald Findlay e Kevin O'Rourke, que, no seu livro "Power and Plenty", estudaram os

avanços e recuos no processo de globalização ocorridos durante os últimos mil anos, chegaram à conclusão que não há nada na situação actual que a torne particularmente diferente e inovadora. E que, assim sendo, o mais provável é que, mais tarde ou mais cedo, se venha a assistir a um agravamento das tensões políticas e económicas internacionais, com um novo recuo no processo de globalização, ou como classificam os autores, uma "desglobalização".

Em primeiro lugar, explicam ao PÚBLICO os autores - de visita a Lisboa para participarem na conferência "Globalização: Perspectivas de longo prazo", organizada pela Associação Portuguesa de História Económica e Social e pela Faculdade de Economia na Universidade Nova de Lisboa -, é errado pensar que a actual globalização é mais forte que as anteriores. "Há cem anos, o mundo estava tão ou mais globalizado do que hoje", exemplifica Kevin O'Rourke, historiador. "O trabalho era mais móvel e o capital tão móvel, com a excepção dos grandes fluxos de investimento especulativo que temos actualmente", explica. E quanto aos avanços nas comunicações, também não há nada de muito impressionante. "Tem havido progressos muito im-



portantes, sem dúvida, mas o aparecimento do telégrafo representou uma mudança ainda mais radical na capacidade para se transmitir informação entre continentes", defende.

Depois, e mais importante, Findlay e O'Rourke concluem, pelos exemplos do passado, que os próprios processos de globalização geram as condições que tornam possível o deflagrar de conflitos. "Uma coisa que a globalização faz é aumentar a interdependência, mas isso conduz também a um sentimento de maior insegurança e

"Há cem anos, o mundo estava tão ou mais globalizado do que hoje", exemplifica Kevin O'Rourke. "O trabalho era mais móvel e o capital tão móvel, com excepção dos grandes fluxos de investimento especulativo que temos actualmente", explica. Tem havido avanços nas comunicações, mas "o aparecimento do telégrafo representou uma mudança ainda mais radical"

